

Processos de mediação e formas de vida: humanos, robôs e histórias de paixão¹

Kati Caetano

Pós-doutora; Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR, Brasil
katicatano@hotmail.com

Sandra Fischer

Pós-doutora; Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR, Brasil
sandrafischer@uol.com.br

Resumo

O texto tem o propósito de examinar os modos pelos quais o envolvimento afetivo entre homens e máquinas vêm sendo discutido em produtos culturais midiáticos, visando identificar e analisar as diferenças entre tais apropriações, e, sobretudo, suas consequentes transformações em formas de vida que legitimam ou polemizam esse fenômeno de sensibilização nos processos de mediação em que se materializam. Para tanto, são abordados filmes, séries televisivas e matérias jornalísticas, com o intuito de perceber a passagem do debate da esfera da ficção para o micro-universo da informação e da opinião pública, momento que o estatuto de ficção-científica adentra a ambiência midiática jornalística como forma de vida atualizada.

Palavras-chave

Relações homem-máquina. Mediação. Produtos culturais midiáticos. Formas de vida.

1 Entre telas e homens e máquinas e afetos

Há muito já não é mais novidade a presença recorrente de temáticas que tratam das relações entre a afetividade humana e as tecnologias encarnadas em máquinas, aparelhos e dispositivos nas diversas manifestações artísticas, culturais e científicas da sociedade contemporânea. A atração fetichista que máquinas como automóveis e seus congêneres exercem sobre muitas pessoas, por exemplo, é velha conhecida e já foi personagem marcante em várias dessas instâncias narrativas. Em nossos estudos temos tratado, em

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no 25º Encontro Nacional da COMPÓS, na Universidade Federal de Goiás (UFGO), Goiânia, de 7 a 10 de junho 2016.

diversos trabalhos, das interfaces homem-máquina no âmbito do cinema. No presente texto abordaremos aspectos da robótica, enfatizando as complexas relações que vêm sendo estabelecidas entre humanos e autômatos que, na forma de bonecos, assumem o lugar de parceiros sexuais junto aos primeiros. Verifica-se, tanto no campo do cinema quanto no da televisão, crescente número de produções que têm, gradativa e progressivamente, ampliado a ênfase na presença e no papel da tecnologia, nas interações homem-máquina, na questão das relações sociais midiatisadas² e na decorrente modalização dos afetos e formas de vida. Aqui, em particular, interessa-nos examinar a passagem do debate da esfera da ficção, particularmente no que se refere ao âmbito da televisão, para o micro-universo da informação e da opinião pública, momento que o estatuto de ficção-científica adentra a ambiência midiática jornalística como forma de vida atualizada. Dois aspectos se evidenciam nesse processo: a reiterada exploração do tema da ficção científica como vaticinadora do futuro da humanidade e a transformação de um fato em notícia, e, na qualidade de notícia, em tópico suscetível de polêmica. Para tanto, abordamos as séries *Real humans* (2012) e *Humans* (2015) e matérias jornalísticas da *Folha de S. Paulo* impressa e de *sites da web*.

2 Os robôs e o prazer sob medida

A sensualidade maquínica e artificialmente construída de androides e robôs tidos como objetos eróticos e a prática de relações sexuais entre humanos e criaturas artificiais têm lugar de cada vez mais destaque, na cena contemporânea, em múltiplos produtos audiovisuais. Não obstante a persistência de alguns dos clichês do gênero, em termos relativos tende a ser consistente e bem orientada cientificamente a forma como boa parte das produções recentes aborda, apresenta e contextualiza, agora em tempos de ubiquidades

² De acordo com José Luiz Braga, além de a palavra “midiatisação” significar a marcante presença da mídia na sociedade, a noção de midiatisação abrange processos que têm lugar mesmo quando não se está diante da mídia. O pesquisador resume suas ideias a respeito da temática em entrevista concedida à revista IHU On-Line em abril de 2009: “A midiatisação não acontece só quando se está produzindo e se está recebendo informação. Um exemplo seria o seguinte: você sai do cinema e, quando encontra seus amigos e sua família e fala sobre o filme, continua no âmbito da midiatisação. [...] É um desafio definir e pensar o que seria midiatisação ou comunicação em uma perspectiva macro. Em uma perspectiva micro é relativamente simples. Temos processos sociais que já existiam sem a mídia e, portanto, as interações ocorriam fora de qualquer interferência midiática. Aos poucos, esses processos passam a ser midiatisados, perpassados pela mídia. Por exemplo, o carnaval no Rio de Janeiro. Ele se organiza como festa de rua. Num determinado momento, começa a ser mostrado. E, num outro momento ainda, ele se organiza em função da mídia. Os eventos passam a se organizar segundo o olhar midiático. Houve, então, uma midiatisação. Do ponto de vista social geral, a partir daí percebo a midiatisação como processo interacional de referência [que] transforma os demais processos [e] “vai se tornando hoje o processo de referência para as interações”. No que se refere à questão dos avanços tecnológicos, Braga parte da perspectiva de que o processo é algo socialmente determinado: “Não aparece uma tecnologia desenvolvida por um inventor que está fora do mundo, fora da sociedade. São as demandas da sociedade que provocam o avanço.” (BRAGA, 2009, doc. não paginado).

garantidas pela *internet* onipresente e vertiginosa desdobrada em redes sociais multiplicadas, temas relacionados às questões da técnica, da dita inteligência artificial e de suas interfaces com o elemento humano. Na maioria delas, parece-nos, as reiteraões isotópicas configuradas pela ascensão da figura da maquinaria tecnológica de inteligência à categoria da figura humana podem funcionar tanto no sentido literal quanto no metafórico.

Androides e robôs em plena interação com seres humanos tomam a cena na série de televisão *Humans*³, ficção científica escrita pelos britânicos Sam Vincent e Jonathan Brackley, com base na famosa e premiada série *Real Humans*⁴, igualmente uma ficção especulativa, cuja história transcorre na Suécia contemporânea, em um universo no qual é comum entre a população a utilização e o emprego cotidianos de androides, conhecidos como *hubots*. Múltiplos modelos são projetados para funções diversas e específicas, cada qual com características próprias; todos eles, planejados para a docilidade, com reconhecimento e obediência aos proprietários, aquisição de habilidades e conhecimento mediante a observação dos humanos. Além disso, são programados em estrita observância a um conjunto de regras legais – protocolos “Asimov”⁵ – que os impede de prejudicar seres humanos. Ainda assim, devido a reprogramações em detrimento da legislação e a modificações para o livre-arbítrio e a independência dos seres humanos, há máquinas que passam a funcionar diferentemente, exercendo o papel de parceiros sexuais ou trabalhando como guarda-costas; que começam a desenvolver ideias, desejos e sentimentos. Desde o início a inovadora tecnologia, embora festejada, não é unanimemente bem aceita pelo povo: diante da ameaça do que poderia acontecer quando máquinas substituíssem seres humanos no desempenho de suas funções como trabalhadores, pais e até amantes, instala-se um movimento político contra a propagação dos *hubots* organizado pela extrema-direita e denominado *Real Humans*.

É atentando especialmente para os impactos psicológicos e socioculturais decorrentes da invenção de robôs antropomórficos denominados “*synths*” – cobiçadas e sofisticadas máquinas servis de alta tecnologia fabricadas à imagem e semelhança de

³ *Humans* (título estilizado como HUM@NS). A primeira temporada da série, em oito episódios, aconteceu entre junho-agosto 2015 – na rede de televisão britânica Channel 4 e no AMC, canal americano de televisão por assinatura. A segunda temporada, também constituída por oito episódios, está prevista para ir ao ar em 2016.

⁴ *Real humans (Äkta Människor)*. Série escrita por Lars Lundström, produzida por Harald Hamrell e Levan Akin. Estreou em janeiro 2012 na rede de televisão sueca SVT (Sveriges Television).

⁵ No filme, os protocolos Asimov fazem referência à relação entre humanos e robôs, cujas ações deveriam estar submetidas à vontade humana e seriam de sua inteira responsabilidade, de acordo, inicialmente, com o postulado, no âmbito da ficção científica em 1942 pelo autor Isaac Asimov, e, posteriormente, transposta à prática profissional em 2010 pelo Conselho de Investigação de Engenharia e Ciências Físicas do Reino Unido. Nesse domínio, estabeleceram-se as normas para informação das implicações éticas envolvidas na engenharia e uso de robôs.

homens e mulheres – que *Humans* também explora, por sua vez, os dilemas da inteligência artificial e da robótica. Não obstante o tema futurista, a ação acontece nos tempos atuais, no cenário realista da cidade de Londres.

Na primeira temporada, diversas histórias seguem paralelas e/ou entrecruzadas, todas elas em alguma medida permeadas por conflitos de ordem afetiva e/ou erótica, contando, em igual nível de importância, com personagens-máquina femininos e masculinos, atualizadas por meio de *upgrades* periódicos, e personagens-humanos homens e mulheres.

Dentre as muitas narrativas apresentadas, destacam-se as seguintes: a problemática conjuntura de caos doméstico da família Hawkins – formada por um casal burguês de meia-idade e seus três filhos – que, visando a organizar e facilitar a atribulada rotina da casa e do cotidiano dos filhos, além de recuperar a harmonia conjugal que ameaça ruir, busca ajuda na aquisição de um *synth*, servicial sintético recém-atualizado e remodelado; o drama de um homem idoso, cientista aposentado, que estabeleceu forte vinculação afetiva com um desses *gadgets*, antigo e já ultrapassado, prestes a ser retirado de sua companhia para sofrer o obrigatório processo de atualização demandado pelas autoridades governamentais; o cotidiano maquínico de Anita, a bela e estranha *synth* adquirida pelos Hawkins; os dilemas de Toby, filho adolescente do casal Hawkins, às voltas com os problemas da puberdade e a paixão pelo robô Anita; os caminhos e descaminhos dos cientistas envolvidos em pesquisas sobre inteligência artificial e criadores dos *synths*; as aventuras do robô Vera, espécime desenhada e programada especialmente para cuidar de pessoas idosas (modelo tão bem sucedido ao ponto de o governo, no intuito de dirimir problemas sociais inerentes ao envelhecimento da população, providenciar a encomenda de quinhentos mil exemplares do gênero); os tormentos do policial Pete, componente de uma pequena unidade de polícia destinada a tratar do diminuto número de crimes ligados aos robôs, convicto de que os *synthetics* representam a falência da comunicação e das relações humanas (convicção agravada pelo fato de desconfiar que sua esposa esteja apaixonada por um deles).

Em geral, os robôs da série estariam prioritariamente destinados ao desempenho de funções meramente operacionais e corriqueiras em diversos ambientes (casas de família, empresas, fábricas, propriedades rurais), sendo desprovidos da capacidade de sofrer emoções e desenvolver sentimentos. Entretanto, à medida que as narrativas imbricadas evoluem e intensificam-se os respectivos conflitos, o paroxismo da fusão homem-máquina é atingido quando personagens humanas (carentes e vulneráveis) e *synths* (inesperada e

surpreendentemente movidas por sentimentos) acabam fortemente enlaçadas e envolvidas em situações de caráter não apenas afetivo, mas também de cunho erótico e sexual.

As noções atreladas ao difundido (e algo banalizado) conceito da *singularidade*⁶ – proposto e defendido por diversos futurologistas, em acordo com o qual os fenômenos decorrentes da sofisticação exacerbada da tecnologia, aliada à aceleração das potencialidades de *softwares* e processamentos de dados computacionais, inevitáveis e incontornáveis, tenderiam a produzir máquinas com capacidades cognitivas e habilidades superiores as dos humanos –, que parecem ser fundamentais na trama de *Humans*, em certa extensão revelam-se impregnadas na quase totalidade dos universos audiovisuais que tratam da temática. Como disse José Luiz Braga, os processos sociais acontecem independentemente das mídias, mas, uma vez midiatisados, organizam-se em função das mídias e segundo o olhar midiático (*vide* nota 2). Assim ocorre com as formas de vida: emergem e se disseminam nas interações intersubjetivas, atraindo o interesse das mídias e passando a se organizar em função delas e segundo o seu olhar. Uma vez midiatisadas, tendem a impregnar os diversos universos midiáticos. Esse é o fenômeno que interessa destacar aqui e, para tanto, vamos lançar mão de alguns aportes conceituais que nos permitirão discutir as relações entre humanos e robôs, em um recorte preciso, como formas de vida pautadas na busca do prazer e na ideia de que a felicidade está “pronta à mão” pela intervenção da técnica.

3 Formas de vida, regimes de crença, presença imperfeita

Concebemos formas de vida com base na postulação do semiótico Jacques Fontanille (2015), que, por sua vez, discute o conceito na esteira de Ludwig Wittgenstein (2004), o primeiro a dar conta dessa noção articulada ao domínio da linguagem; aos estudos dos estilos de vida do sociosemiótico Eric Landowski (1997); aos modos de identificação do antropólogo Philippe Descola (2005) e aos modos de existência social do sociólogo Bruno Latour (1991; 2012) (em Fontanille, renomeados como formas de existência social). Em todas as perspectivas está em pauta a descrição de formas de organização sociais ou

⁶ No âmbito de uma diversidade de movimentos *pós-transhumanistas* existe a noção da “singularidade tecnológica”. No primeiro episódio da série *Humans*, o termo é utilizado para caracterizar a condição a que chegam certos *synths* “conscientes”, e sua criação é atribuída ao matemático John von Neumann na década de 1950. Trata-se de um conceito que vem sendo defendido pelo engenheiro e cientista norte-americano Raymond Kurzweil, pioneiro nos campos de reconhecimento ótico de caracteres, síntese de voz, reconhecimento de fala e teclados eletrônicos, que trata da temática em sua obra *The singularity is near: when humans transcend biology* (KURZWEIL, 2005). O termo singularidade é emprestado da Física e designa fenômenos e eventos tão extremos que ultrapassariam as habilidades de cognição e previsibilidade humanas: levariam as leis da ciência ao extremo e as equações não mais seriam capazes de descrevê-los.

culturais, consideradas "coletivas", portadoras de sentido e capazes de dar um sentido ao mundo e ao nosso entorno (FONTANILLE, 2015). O acréscimo analítico outorgado por Fontanille a tais perspectivas é, de maneira bastante resumida neste artigo, o da concepção de formas de vida como um dos tipos de semiose, dentre outras como os signos, os textos, os objetos nos quais estes se inscrevem, as estratégias, as práticas e, em última instância, as formas de vida. As implicações derivadas de sua abordagem decorrem da afirmação de cada uma dessas instâncias como uma semiose autônoma, ou seja, constituída por um plano do conteúdo e um plano da expressão, portanto suscetível de ser analisada em sua própria autossuficiência. Por outro lado, emprestando o conceito de "integração" do linguista francês Émile Benveniste (1966), originalmente tratado no domínio da língua, Fontanille compreende tal autonomia de modo relativo, uma vez que dar conta da constitutividade do sentido implica passar de um nível a outro dos sistemas imanentes para abrangê-los em seus processos integrativos, que requerem mudanças e novas combinatórias. O valor-chave nessa análise descontínua é o princípio de que cada sistema significante demanda e mobiliza um regime de crença, e, em sua integração a outros níveis (ascendente ou descendente), vários ajustes dos procedimentos específicos são agenciados. Em suma, a integração entre os distintos níveis de articulação dos sentidos não se dá apenas no âmbito das formas linguageiras, mas também de seus regimes de crença: semiológicos, ficcionais, funcionais, práticos, estratégicos, de formas de vida. Enquanto a crença textual apoia-se na lógica da coerência semântica, da coesão textual e da coextensividade referencial ou fundamentação epistêmica, a crença prática, segundo Fontanille (2015, p. 17), "[...] se funda sobre a qualidade de ajustamento das peripécias de um curso de ação aberto nas duas pontas de uma cadeia, e submetido aos acasos da interação com outros cursos de ação, frequentemente imprevisíveis.". O mesmo acontece com os objetos que fundam sua crença no uso e nas funções, "[...] eventualmente inscritos na sua forma, sua estrutura interna ou em sua superfície." (FONTANILLE, 2015, p. 17). O interessante nesse raciocínio é que, cada vez mais, assistimos ao surgimento de semióticas-objetos que implicam todos os planos de imanência ao mesmo tempo, desde os signos até as formas de vida (como é o caso das mídias), implicando hibridismo, "labilidade e complexidade" dos regimes de crença.

O regime de crença, por sua vez, diz respeito à convicção nos aspectos que regulam e constituem nossa vivência; a aderir e se identificar, na miríade de possibilidades interacionais, comportamentais, axiológicas e patêmicas de uma sociedade, com aquelas que parecem assegurar a estabilidade de nossa existência e dos cursos de vida dos grupos aos

quais supomos pertencer (FONTANILLE, 2015). Existir, nesses termos, é persistir; nesse sentido as formas de vida subsumem práticas coerentes (relativa aos agenciamentos sintagmáticos no fluxo da vida) e congruentes (derivadas da seleção paradigmática condizente com nossos interesses e ideais) destinadas a persistir na existência, seja no sentido físico, cognitivo ou afetivo. Uma diferença fundamental emerge nesse postulado e nas concepções dos modos de existência de outros autores –como Latour (1991; 2012), por exemplo; o de que tais modos aparecem pela manifestação das formas de vida, passíveis de serem examinadas como semioses (dotadas de um plano do conteúdo e um plano da expressão) capazes de dar um sentido à vida humana. As formas de vida pressupõem escolhas e atualizações que dão uma configuração particular à existência mediante a sensação de sentir-se estar vivendo, sentir a própria existência.

Sentir-se viver, distinto de simplesmente *viver*, é da ordem da experiência e não da existência, e se ancora no princípio de “viver com”. A experiência de “viver com” assenta seu significado no valor semântico de “com”, e se distingue, igualmente, da ideia de apenas “viver junto”. (FONTANILLE, 2015, p. 27) O curso da vida inscrito nesse esquema da experiência origina modos de existir em sociedade e formas de vida.

Para o autor, a congruência seria uma espécie de princípio coesivo entre todos os níveis de manifestação de uma forma de vida, por exemplo, “[...] entre o papel narrativo e as qualificações sensíveis; entre os valores semânticos e os estados passionais, entre as maneiras de dizer e agir,” (FONTANILLE, 2015, p. 43). Com essa afirmação não se quer asseverar a coerência de todas as atitudes e paixões do sujeito, mas a coextensividade a todos os níveis das características de uma forma de vida, aos ajustamentos que precisam ser processados nas axiologias, comportamentos e interações, justamente para perseverar na existência conjunta. Tal fenômeno corresponde a uma seleção de ordem paradigmática que permeia as atitudes e os vínculos interacionais entre os homens e entre estes e todas as coisas do mundo, o que se efetiva, na terminologia de Fontanille (2015), por meio de uma comutação contagiosa atuando sobre um actante-corpo no curso da vida. Assim, o papel temático do sujeito amoroso se manifesta nos esquemas narrativos, nos percursos passionais, nas formas de expressão sensoriais e sensíveis, nas intersubjetividades e nos modos de enunciar de um actante-corpo engajado no fluxo da vida. Essa característica fica bem evidente nas relações com as máquinas, sob a forma de robôs sexuados e suscetíveis de despertar os sentimentos humanos. A suscetibilidade humana para paixões de toda ordem manifesta-se nas ações, nos percursos, nos tumultos passionais, nos traços físicos dos

sujeitos humanos em seus vínculos interacionais afetivos, eróticos ou emotivos com os objetos tecnológicos criados à sua imagem e semelhança. Transfere-se, portanto, de um campo semântico circunscrito ao eixo da organicidade e do ser vivo, para o das coisas, nesse caso, dos *gadgets* digitais. Em todos os níveis de imanência das formas de vida, o sujeito atualiza as marcas de sua intensa afetividade ou da busca pelo prazer.

Por isso, dentre as categorias determinantes para engendrar o primeiro nível de articulação de uma forma de vida figuram a presença e ausência sensíveis (FONTANILLE, 2015) em suas múltiplas combinatórias e aspectualizações. A modulação particular dos termos dessa categoria suscita estados e efeitos de sentido da imperfeição humana. Nos termos de Fontanille (2015), pode-se dizer que há um coeficiente de imperfeição na presença sensível, que resulta da dinâmica combinatória entre presença e ausência. Sendo de dois tipos, exteroceptiva (mundana) e interoceptiva (afetiva e cognitiva), a modulação da imperfeição pode ser ainda aspectualizada pela rarefação ou intensidade dos termos da categoria ou de seus cruzamentos. Dessa combinatória resulta uma multiplicidade produtiva de estados emotivos e ações reparadoras. Assim, se dirigirmos o foco de nossa atenção para o afeto dos humanos pelos robôs, este poderia ser sentido como rarefeito na dimensão exteroceptiva e intenso no domínio das sensações interoceptivas, do que pode derivar um movimento de preenchimento da falta obtido pela companhia com as máquinas. Em outros termos, a carência da presença sensível no âmbito afetivo proveniente do entorno mundano, exteroceptivo, combinada à sua forte presença na esfera interoceptiva mobiliza comportamentos e interações capazes de ressemantizar práticas precedentes, criando, às vezes, descompassos entre axiologias coletivas e a ética individual — questão presente em *Humans* e na colocação do tema em pauta pelas matérias jornalísticas, como se verá mais adiante. É importante esclarecer a esse respeito que, com isso, o sujeito não questiona necessariamente valores instituídos, apenas promove "[...] a instauração de uma nova organização semiótica que o gesto ético propõe." (FONTANILLE, 2015, p. 75). Nesse sentido, "pouco importa a polaridade positiva ou negativa: sua adesão não é solicitada, apenas sua emoção e sua sensibilidade à abertura dos possíveis." (FONTANILLE, 2015, p. 75).

Interessa enfatizar alguns conceitos-chave discutidos nessa exposição para articulá-los com os casos empíricos: formas de vida, comutação contagiosa, seleção congruente, presença sensível, modulação da imperfeição. Em resumo, assumimos que as formas de vida subsumem práticas semióticas congruentes, interligadas em seus diversos níveis de manifestação (narrativo, patêmico, axiológico, figurativo, matérico, etc.) e com relação a

outras formas de vida. Tais imbricamentos resultam de uma projeção contagiosa entre as instâncias: conforme mencionado, certo papel temático desencadeia estados passionais, qualidades figurativas e traços sensoriais, que a ele se associam por contaminação no processo de construção dos sentidos e das formas de expressão. Do mesmo modo, processam-se inflexões recíprocas entre as distintas formas de vida inter-relacionadas, motivo pelo qual não se pode estudá-las fora de um contexto comparativo ou de referência, por exemplo, na interface homem-máquina. Elas se expressam em actantes-corpos, sendo visíveis, portanto, por meio de estados e ações subjetivas desencadeados pela modulação da presença sensível (em constante oposição dinâmica com a ausência), o que as torna submetidas a um certo coeficiente de imperfeição sentido no curso da vida. Sentir a vida e nela persistir configura a conversão do esquema de existência em esquema de experiência, em cujo centro tem papel primordial a ação e as interações.

Uma falta sentida na relação com o mundo pode motivar ações reparadoras, para as quais são acionadas estratégias pessoais passíveis de consonância com outras estratégias, oferecidas pelo mercado de bens materiais e imateriais, como objetos que conferem aos sujeitos o valor afetivo do prazer, do encontro, do sexo, do carinho ou da atenção, tal como se dá com os robôs nos casos discutidos. Tanto mais eficaz serão esses percursos narrativos geradores de estados passionais do sujeito, quanto maior for o ajustamento dos regimes de crença na hibridação das práticas, o que se dá com os homens e mulheres apaixonados pelos robôs, pelas suas vozes e outros artifícios.

Por outro lado, a integração dessas práticas em textos que as tornam discursivas implica igualmente medidas de adaptação que as convertem em foco importante das ações e interações humanas, ou seja, modos de existir, persistindo de uma maneira ou de outra no curso da vida. Os procedimentos mobilizados podem ser aqueles da encenação e compreensão dos encontros cotidianos – como nos filmes *Her* (2013) e *Gigante* (2009) estudados anteriormente, pela legitimação de um discurso futurista – como nas séries televisivas aqui abordadas – ou de seu debate pela mobilização da opinião pública – como no caso jornalístico da transformação de um fato em notícia). Trata-se claramente de um caso de configuração discursiva reiterada isotopicamente pela permanência dos mesmos traços semânticos, que atravessam os textos midiáticos e criam o efeito de sentido de uma forma de vida reconhecível e estabilizada.

4 Tecnologia e afetos midiatisados

Em 7 de dezembro de 2015, o jornal *Folha de S. Paulo* (2015) expunha a seguinte manchete em página do caderno "tec" (A21): "Sexo com robôs: Fábricas aperfeiçoam 'máquinas do prazer', que já respondem a carícias; robofilia gera debate ético, e campanha pede fim da prática". Acima da manchete, em toda a extensão horizontal da página, abaixo dos dados identificadores do jornal, aparecem três imagens contíguas: 1) foto da Boneca *Real Doll* trajando *top* de cor preta e levando ao pescoço coleira cravejada de *spykes*, em clara alusão às vestimentas atuais de efeito considerado erótico, *sexy*; 2) foto de um homem musculoso, exibindo a cabeça nua, completamente raspada e costas e braços cobertos por tatuagens, curvado sobre o corpo da boneca *Roxxy* – que veste um provocativo conjunto de *lingerie* composto de calcinha diminuta e *soutien* em renda preta –, abraçando-a e acariciando seu seio esquerdo; 3) foto da versão masculina da *Real Doll*, de traços facilmente identificáveis aos modelos masculinos, autômato metido em calças *jeans* e exibindo os músculos peitorais deixados à mostra pela camisa desabotoada, pronto a atender às demandas de carícias de um público supostamente feminino.

Em que pese o sensacionalismo da manchete e as estereotípias das imagens, evidentemente preparados para converter um tópico de conteúdo em notícia, o poder de atração da matéria parece apostar na substancial necessidade de sexo de organismos vivos e na surpreendente capacidade da tecnologia para provimento não só de conhecimento, informação e bem-estar, mas também de satisfação emotiva e sensual ao ser humano.

O interessante para o propósito, como já dissemos, de nosso artigo é examinar como tais questões adentram o universo midiático, adquirem valor de práticas aparentemente generalizadas e se apresentam como formas de vida da contemporaneidade.

Nesse exemplo, a relação sexual com robôs assume todo seu valor semiótico — é portadora de significações que se materializam em práticas figurais e sensorialidades, e configura a extensão de uma forma de vida a outros níveis de manifestação, com clara congruência de traços, gestos e comportamentos da vida afetivo-sexual entre seres humanos em suas relações com as máquinas. Do ponto de vista da comunicação midiática, aparecem como aspectos da vida privada agora tornados públicos, abordados como temas polêmicos que incitam a opinião coletiva. As fórmulas expressivas utilizadas na manchete citada, todas orientadas pelo traço quantitativo, colaboram para criar tais efeitos de sentido: "fábricas aperfeiçoam", "robofilia gera debate ético" (ressaltando-se aí o uso do próprio termo *robofilia*) e "pede fim da prática", outorgam à notícia valores de hábitos instalados, de

produtos industriais disseminados, de discussão estendida à sociedade e de campanhas mobilizadoras.

Entretanto, o fenômeno não é novo: apego a objetos, animais e coisas até à fetichização tem sido tema frequente de diversos autores, em áreas distintas, como a semiótica, a sociologia, a antropologia, a economia política, a psicologia, a estética, a literatura e as artes. Citamos apenas alguns, dentre tantos outros autores conhecidos dessas áreas, como Roland Barthes, sobretudo em sua obra *Mitologias* (2003), Jean Baudrillard, especificamente em *O sistema dos objetos* (1997) e *A sociedade de consumo* (1995), Jean-Marie Floch em *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit* (1985), *Identités visuelles* (1995), e *Sémiotique, marketing et communication* (1990). Os processos de reificação das coisas na sociedade capitalista, pela mediação do valor de dinheiro atribuído a pessoas, objetos e relações afetivas foram tratados por Karl Marx (2003; 1985) no século XIX⁷, em pleno desenvolvimento da sociedade industrial inglesa, sendo retomados em diversos contextos posteriores por Guy Debord (1997), Wolfgang Fritz Haug (1997), Christoph Türcke (2010) entre outros. As paixões dos humanos pelas máquinas atendem ao princípio de congruência exposto anteriormente, uma vez que o papel narrativo-temático do sujeito em busca de carícias e sexo encontra correspondência em todos os níveis de manifestação com a experiência de afetos por animais e objetos (eróticos ou não), concretizando-se por meio de estados patêmicos, analogias figurativas e sinestésicas, verbalizações amorosas ou excitantes. Também não é novo o revestimento erótico dos vínculos afetivos, nem sua visibilidade midiática, impulsionada pela lógica de mercantilização de pretensas experiências estésico-estéticas — Fischer e Caetano (2015), por exemplo, vêm tratando desses fenômenos de tecnificação e industrialização dos afetos, do esquema estratégico ou contagioso mobilizado pelas tecnologias e mídias digitais, bem como o de suas profanações.

As relações sexuais com robôs inserem-se, portanto, nessa mesma linha de extravasamento das sensações e da sensibilidade humana em busca de maior plenitude dos prazeres, das emoções e da intersubjetividade.

O *status* de novidade nos casos empíricos que examinamos fica por conta da natureza digital dos dispositivos e da onipresente mediação das práticas cotidianas, superando os limites do público/privado. Nesse sentido, a matéria da *Folha de S. Paulo* se esmera no revestimento noticioso do assunto: fala da primeira temporada da série *Humans*,

⁷ “Como o dinheiro, enquanto conceito existente e ativo do valor, confunde e troca todas as coisas, então ele é a *confusão* e a troca gerais de todas as coisas, isto é, o mundo invertido, a confusão e a troca de todas as qualidades humanas e naturais.” (MARX, 1985, p. 32).

do canal AMC, exibida em 2015; associa a ficção à realidade referindo-se a duas companhias americanas produtoras de robôs sexuais: a *True Companion*, fabricante da boneca feminina Roxxy (vendida desde 2010 e com o preço atual de US\$ 7.000) e de sua versão masculina, e a *Real Doll*, fabricante de bonecas consideradas realistas, tendo produzido já 8.000 unidades sob demanda "inclusive para o Brasil". Reporta-se aos atributos dos objetos, como movimentos da cabeça indicadores de ação participativa; verbalizações excitadas; reações a toques e carícias; possibilidades de customização e definição de personalidade ("da mais comportada à ousada"); presença de orifícios com sensores e motores "para permitir uma experiência mais realista", explicam os vendedores; e a confecção em tamanho real, similar a de humanos. As empresas apresentam vídeos demonstrativos e respondem às entrevistas do jornal com apelos fortemente persuasivos, ancorados em valores de assepsia ("sem perigo de transmissão de doenças") e que acenam para uma vida plena de satisfações nas interações sentimentais, "sem traições", "aborrecimentos" e com final feliz – alguns dos clientes, afirma-se, chegam mesmo a se casar com suas máquinas após a perda de pessoas amadas ou em consequência do sofrimento causado por desilusões amorosas.

O sexo fora dos padrões culturais estabelecidos entre seres humanos é categorizado tradicionalmente no âmbito da oposição natureza vs cultura, como o afloramento do traço de animalidade do homem, portanto da inflexão do polo natureza sobre os comportamentos. Por isso, a visibilidade conferida a tais interações, sobretudo nas mídias, justifica-se no domínio dos relatos de flagrante delito ou aberrações. Ao contrário das relações sexuais entre seres humanos — cada vez mais integradas ao circuito das práticas expostas no universo da internet, seja pela busca de projeção midiática, quando expostas pelos próprios envolvidos, ou resultados de atitudes criminosas e malevolentes, como é o caso de exposições de terceiros na rede —, os elos sexuais considerados "desviantes" ainda são raramente expostos, sobretudo no âmbito da *web* de superfície (em contraposição à *deep web*). Quando mediadas, situam-se no domínio das interações ocultas, circunscritas aos grupos que as praticam e com elas se motivam.

No caso do sexo com robôs, assim como acontece com os objetos do comércio de *sex shops*, tais vínculos acionam produções de objetos, vídeos e publicidades em grande escala, expostas sem os costumeiros filtros morais. Inserem-se, por conseguinte, no rol de interações permitidas, ainda que não tornadas consenso pela lógica hegemônica das

interações sexuais humanas⁸. Na verdade, pertencem a uma outra lógica, que extrapola a binaridade da categoria natureza e cultura.

Para melhor compreendê-las, visando a examiná-las nos processos de mediação, recorreremos ao estudo do antropólogo Philippe Descola na leitura que dele faz Jacques Fontanille, ao interpretá-lo no contexto da investigação dos regimes de crença presentes nas formas de vida. Ao estudar a cultura dos Achuar na Amazônia (DESCOLA, 2005⁹ apud FONTANILLE, 2015, p. 28), Descola percebe que a sociedade dos homens é coextensiva à natureza, uma vez que esses povos se sentem distintos do restante apenas pela diferença física e não pela dotação de uma espiritualidade, comum a todos os seres conforme pensam, ao contrário do que afirmam nossas sociedades atuais. Combinando esse estudo com o de outras culturas, o autor estabelece o quadro dos modos de socialização da natureza a partir dos esquemas integradores das práticas, os quais comportam uma fase de identificação entre os integrantes de uma interação (humanos e coisas). Resulta desse processo de identificação uma tipologia concisa que repousa sobre duas dicotomias, fisicalidade/interioridade e identidade/diferenciação, cuja combinatória engendra quatro funcionamentos sociais que ligam e/ou distinguem humanos e não-humanos: o totemismo, o animismo, o analogismo e o naturalismo. O totemismo se basearia na identidade física e espiritual entre os seres; o animismo pela identidade espiritual e diferenciação física; o naturalismo pela identidade física e diferenciação espiritual; e o analogismo pela diferenciação física e espiritual. Atravessa essas combinatórias o traço aspectual durável/não durável, que se aplica igualmente às interações estudadas (temporárias, eventuais, ou duradouras, passíveis inclusive de gerar "casamentos", como prometem os fabricantes de robôs)¹⁰. Tais maneiras de se relacionar com os fatores de seu entorno não configuram apenas categorizações do mundo nos processos de identidade e alteridade, mas

⁸ Amparado na descrição elaborada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, segundo a qual a maioria das sociedades humanas divide seus universos semânticos em duas dimensões, a da Cultura e a da Natureza, em geral compreendidas a primeira como os conteúdos que tais sociedades aceitam e a segunda aqueles que elas rejeitam, Algirdas-Julien Greimas examina o "modelo social das relações sexuais". Assumindo, no momento em questão, o padrão canônico das relações heterossexuais, Greimas formula o quadro das relações prescritas/admitidas, amparadas no matrimônio, e as interditas/excluídas, definindo-as por seus vínculos contraditórios como as não-prescritas e as não-interditas: amores conjugais, incesto, homossexualidade, adultério masculino e feminino. Repete o mesmo procedimento analítico com base no "modelo econômico das relações sexuais", divididas em gradações que variam entre os polos das relações proveitosas (admitidas) e das nocivas (excluídas ou interditas), e com base no "modelo dos valores individuais", quando este se opõe ou se coaduna com as axiologias coletivas – relações sexuais desejadas (prescritas/não-proibidas) ou temidas (interditas/proibidas). Obviamente, os termos taxionômicos utilizados são arbitrários e se aplicam aos casos particulares examinados, como justifica o próprio autor ao reconhecer diferenças significativas entre as variadas culturas (assinalando, por exemplo, que à época da publicação de sua obra, 1970, a homossexualidade era proibida na Inglaterra e não-proibida entre os Bororo; considerando a evolução das leis a esse respeito em vários países do mundo ocidental da contemporaneidade, a análise greimasiana deveria ser revista mesmo com relação à sociedade francesa) (GREIMAS, 1975, p. 132-139.).

⁹ DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, Bibliothèque des sciences humaines, 2005.

¹⁰ Ver esquema das combinatórias propostas por Descola em Fontanille (2015).

também formas de vida específicas que refletem, em suas manifestações extremas, conjunções e disjunções entre um sujeito ou uma comunidade e todos os outros seres. Por isso, a própria oposição entre natureza e cultura deriva de injunções, elas mesmas, culturais, as quais se sustentam sobre a ideia da singularidade e, em geral, da superioridade humana. Com os quatro modos de identificação, Descola define quatro regimes de crença de identificação que organizam os sistemas interacionais entre os seres vivos. Assim, no engendramento das formas de vida, duas dimensões se entrecruzam: de um lado, a dos modos de identidade social constituídos como regimes de crenças de identificação, e, de outro, os modos de existência sociais tidos como “[...] maneiras de persistir socialmente, estas materializadas em diferentes formas de vida.” (DESCOLA, 2005¹¹ apud FONTANILLE, 2015, p. 31).

Operando sobre os vínculos entre seres vivos, no sentido *lato* de todas as coisas existentes (dos modos de existência social), o raciocínio de Descola pode se afigurar produtivo para a presente análise dos laços afetivos entre homens e máquinas. Parece evidente a correspondência entre a identificação própria do totemismo e a relação sexual com robôs, ou seja, evidenciam-se nesses modos de atração uma identidade espiritual e uma identidade física construídas, imaginadas e incorporadas a partir do acionamento de uma série de dispositivos. A identidade física transparece na antropomorfização dos modelos robóticos, idealizados segundo padrões culturais estabelecidos de beleza e sensualidade. Concretiza-se ainda em mecanismos sensores-sensoriais, áudios, movimentos, motores que simulam o comportamento humano. Tornam-se assim o plano de expressão, ou as materialidades, de uma similitude espiritual, inferida de toda essa gestualidade figural como a manifestação do afeto, do prazer, da excitação, da paixão, e, em certos casos (que levam talvez a um casamento feliz), do amor.

As relações afetivas com robôs encontram, portanto, clara equivalência com o princípio definidor do totemismo, de acordo com a tipologia de Descola. Mesmo nos casos em que a máquina aparece sob formas menos evidentes, sem a compleição física antropomorfizada, ela se apresenta dotada de atributos metonímicos do comportamento humano, como a voz, as verbalizações usando línguas naturais, com certa tonalidade e timbre específicos de tipos humanos (a mulher meiga, ousada, de fala sensual, inibida,

¹¹ DESCOLA, Philippe. **Par-delà nature et culture**. Paris: Gallimard, Bibliothèque des sciences humaines, 2005.

infantilizada, experiente, etc.)¹², ou aparatada com orifícios munidos de motores e sensores, além de expressões de feedback dada por movimentos e oscilações luminosas, que remetem às emoções da relação afetiva entre dois seres. O programa brasileiro *Amor e Sexo*, produzido e veiculado pela Rede Globo de Televisão, dirigido por Ricardo Waddington e apresentado pela modelo Fernanda Lima, no episódio que foi ao ar em 23 de janeiro deste ano exibiu uma máquina dotada desses mecanismos de interação sexual semelhante a uma mesa de jogo eletrônico, movida pela interação humana em interface com vários sensores e orifícios do aparelho. Utilizando movimentos das mãos, do corpo, lábios ou língua, o "desafio" dos participantes consistia em conseguir alcançar "o orgasmo do aparelho", sinalizado por ruídos e indicações luminosas. Como o equipamento era dirigido ao segmento masculino, representava a figura de uma mulher, ou, pelo menos, de partes do corpo feminino em que zonas de eroticidade pudessem ser identificadas. Dois participantes da bancada do programa – os atores Otaviano Costa e José Loreto – encenaram, como se fosse improvisado, o ato sexual com o dispositivo. O tema do dia dizia respeito à liberdade de escolhas sexuais e esse quadro foi inserido com forte efeito cômico, de acordo com a natureza do programa que visa a abordar questões sérias de maneira livre e lúdica. A discussão crítica é ali conduzida, em geral, por especialistas, sexólogos que abordam os pontos polêmicos das práticas e valores em pauta, acompanhados de breves opiniões dos outros participantes, seja da bancada de celebridades, seja do espaço reservado ao público. Na mediação do assunto, portanto, a referência pode extrapolar a ordem do relato, como é o caso da matéria jornalística, e introduzir o debate no âmbito da experiência, do saber para o ver e, talvez, sentir.

Processo generalizado nas mídias, sobretudo a partir das potencialidades digitais como a interatividade, a conversão do discurso jornalístico em experiências visuais (e sinestésicas) tem se mostrado um padrão estético comum da era computadorizada, inclusive pela oferta fácil de aplicativos para a customização de matérias multimidiáticas. É nessa esteira, portanto, que se assiste a outras modalidades de representação das práticas cotidianas para além da esfera jornalística propriamente dita, mas ainda com inflexões óbvias sobre o modo de discutir o comportamento humano na contemporaneidade, seja no cinema, nas narrativas ficcionais televisivas, na publicidade e até mesmo nos *games*, em

¹² No filme *Ela* (HER, 2013), o protagonista adquire e instala em seus computadores e no telefone celular o Sistema Operacional de Inteligência Artificial (o SO1), produto comercial anunciado com a promessa de ser uma "entidade intuitiva" com capacidade para "escutar", "compreender" e "conhecer" seus usuários. O SO1 vai lhe fornecer como avatar de interação Samantha, uma voz (interpretada pela atriz Scarlett Johansson) de timbre aveludado e sensual, pela qual ele vai se apaixonar.

especial pelo incremento do uso dos chamados *newsgames*, que visam a transformar o circuito de informação em modos sensíveis de interagir com os fatos noticiosos.

Retomando a discussão teórica anterior, o que se observa nesse fenômeno é o hibridismo dos regimes de crença característico das mídias atuais, principalmente em face do processo de globalização. Cada prática e cada forma de vida instituída a partir de um conjunto de práticas pressupõem regimes de crença responsáveis pela chave de leitura do mundo. Assim, espera-se que o discurso jornalístico, derivado do hábito de buscar nesse meio a fonte dos fatos da realidade, acione regimes de crença articulados à informação; na mesma linha de raciocínio, a ciência vincula-se ao conhecimento, a ficção à imaginação, e o discurso didático ao saber e à aprendizagem. Sabemos, no entanto, que tais regimes se cruzam, gerando confusões ou predomínios de apreensão – supostamente, um leitor/espectador/usuário sabe distinguir o que é do âmbito da ficção e o que é da realidade quando assiste a um telejornalismo assentado no divertimento (como, por exemplo, *CQC [Custe o Que Custar]*, programa de televisão humorístico brasileiro exibido pela Rede Bandeirantes) ou a filmes que contenham cenas de violência (aos quais se costuma atribuir potenciais capacidades de suscitar e promover a agressividade). O fato é que, na contemporaneidade, as mídias atuam predominantemente sobre essa paleta multicolorida, às vezes bastante confusa, de hibridismo dos regimes de crença, misturando questões da ficção a práticas cotidianas, ou melhor: buscando insistentemente evidenciar o quanto a ficção se efetiva, muitas vezes com tom catastrófico de previsão de um futuro próximo, no mundo atual. Assim, passa-se facilmente da série *Humans* às novidades tecnológicas, dessas aos prognósticos científicos que preveem que em 2030, "a maior parte das pessoas vai fazer alguma forma de sexo usando realidade virtual", e que em 2035, "a maioria das pessoas terá seu próprio brinquedo ou dispositivo de sexo (como vibradores) que interage com realidade virtual" e "com a *internet* das coisas nosso sistema nervoso vai se conectar diretamente à rede, nos permitindo experimentar sensações"; por fim, em 2050, "começaremos a ver o sexo com robôs se popularizar. Isso separará ainda mais o relacionamento amoroso do sexual, tornando comum que parceiros transem com máquinas, sem que considerem isso uma traição". A fonte dessas previsões no texto da *Folha de S. Paulo* é o relatório *The future of sex: the rise of the robosexuals* (O futuro do sexo: o surgimento dos robossexuais). A se creditar importância aos modos como o tema tem sido mediado, no entanto, 2050 é já; por outro lado, a insistência sobre o sabor de novidade das coisas parece fazer esquecer que

o uso de produtos técnicos com a mesma função (para suprir necessidades de toda ordem, cognitivas, funcionais, afetivas e sexuais) é tão antigo como o próprio sexo entre humanos.

5 Construções, perspectivas, profanações

Moralizar a questão, mostrando adesão ou recusa ao fenômeno, ou questionar a validade do prognóstico não foi, obviamente, o propósito deste estudo. A ideia foi demonstrar como aspectos, valores e práticas são transmutados em formas de vida nos circuitos midiáticos, ressaltando o papel que o hibridismo do regime de crenças desempenha nesse acontecimento, na busca incessante das mídias de criarem novidades e de mostrarem-se atualizadas em relação aos "novos tempos". Há, necessariamente, que distinguir as diferentes atitudes nesses casos, como modos de presença no mundo, nos termos de Eric Landowski (2004). Comparando o filme *Her* (2013), por nós analisado anteriormente, com as séries televisivas *Real Humans* e *Humans*, com a matéria da FSP, com o quadro do programa televisivo *Amor & Sexo*, com as novidades que as empresas tecnológicas prometem na publicidade e com as notícias da *internet*, ressaltamos que há perspectivas que relativizam, examinam e homologam expectativas ou temores, que incitam os conflitos de intolerância, que profanam nossa resignação em face da potência da técnica, e que expõem o modo usurário de explorá-la em favor, inclusive, de uma usura do próprio homem, (como expõe Martin Heidegger (2010)). Essas são algumas das razões pelas quais afirmamos que se trata de modos de presença no mundo, capazes de gerar diferentes formas de fazer sentido. Uma delas é o da mediação das práticas em formas de vida estabelecidas, às quais se agregam o valor da polêmica e o agenciamento de mobilizações de grandes campanhas, tornando-se relevantes o suficiente para gerarem relatórios baseados em dados empíricos, fonte atrativa de quadros de programações – de humor, de *talk show*, de auditório, de ficção seriada, de motivos para *spots* publicitários. E assim estão construídos a notícia, o fato, a sensibilização coletiva diante do assunto, a avaliação das perspectivas de futuro da humanidade e, felizmente, a sua profanação sistemática pelas artes, pela ficção ou pela ação dos homens na vida cotidiana.

Referências

AMOR e Sexo. Apresentado por Fernanda Lima. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 23 jan. 2016. Duração 60 min. Exibição de uma máquina dotada de interação sexual.

- BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BRAGA, J. L. Mediação: a complexidade de um novo processo social. Entrevistador: Graziela Wolfart. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, v.9, n.289, São Leopoldo, 2009.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto-Editora, 1997.
- DESCOLA, P. **Par-delà nature et culture**. Paris: Gallimard, Bibliothèque des Sciences Humaines, 2005.
- FISCHER, S.; CAETANO, K. "Controle, fratura, profanação, escapatória: a poética do olhar em Gigante". **MATRIZES**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-235, 2015.
- FISCHER, S.; CAETANO, K. Ela, nós: tecnologia, afeto e sociabilidades na contemporaneidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 24., 2015, Brasília. **Anais...** Brasília: COMPÓS, 2015.
- FLOCH, J.-M. **Identités visuelles**. Paris: PUF, 1995.
- FLOCH, J.-M. **Petites mythologies de l'œil et de l'esprit**. Paris-Amsterdam: Hadès-Benjamins, 1985.
- FLOCH, J.-M. **Sémiotique, marketing et communication**: sous les signes, les stratégies. Paris: PUF, 1990.
- FONTANILLE, J. **Formes de vie**. Liège. Belgique: Presses Universitaires de Liège, 2015.
- GIGANTE. Direção: Adrian Biniez. Produção: Augustina Chiarino, Fernando Epstein. Uruguai: Imovision, 2009. 1 DVD (84 min).
- GREIMAS, A.-J. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Unesp, 1997.
- HEIDEGGER, M. La question de la technique. In: HEIDEGGER, M. **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, 2010. p. 9-48.
- HER. Direção: Spike Jonze. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze, Vincent Landay. Burbank: Warner Bros, 2013. 1 DVD (2h 6min).
- HUMANS. Direção: Sam Donovan; Daniel Nettheim; Lewis Arnold e China Moo-Young. Produção: Chris Fry. New York: AMC, 2015. Série televisiva (60 min por episódio), color.

Criada por Sam Vicent e Jonathan Brackey. Baseada na série Real humans, de Lars Lundström.

KURZWEIL, R. **The singularity is near: when humans transcend biology**. New York: Viking Penguin, 2005.

LANDOWSKI, E. "Formes de l'alterité et styles de vie". In: LANDOWSKI, E. **Présences de l'autre**. Paris: PUF, 1997, p. 45-97.

LANDOWSKI, E. "Modos de presença do visível". In: OLIVEIRA, A. C. de (Org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker, 2004. p. 97-112.

LATOUR, B. **Nous n'avons jamais été modernes: essai d'anthropologie symétrique**. Paris: La Découverte, 1991.

LATOUR, B. **Enquête sur les modes d'existence**. Paris: La Découverte, 2012.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os Pensadores), p. 7-54.

REAL Humans. Direção: Äkta Människor. Produção: Stefan Baron. Suécia: SVT1, 2012. Série televisiva (52 min por episódio), color. Criada por Lars Lundström.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia das sensações**. Campina: Editora da Unicamp, 2010.

WITTGENSTEIN, L. *Recherches philosophiques*. Paris: Gallimard, 2004.

ZARA, André. Robôs que fazem sexo ficam mais reais e até já respondem a carícias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2015. Tec. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/12/1715767-robos-que-fazem-sexo-ficam-mais-reais-e-ate-ja-respodem-a-caricas.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2016.

Mediatization processes and forms of life: humans, robots and stories of passion

Abstract

The text aims at examining the ways in which emotional involvement between man and machine have been discussed in media cultural products, in order to identify and analyze the differences between these appropriations and, above all, the consequent changes in life forms that legitimize or not this sensitization phenomenon on the mediatization processes which

materialize it. For this purpose, movies, television series and newspaper reports will be focused, in order to perceive the transition of the debate from the sphere of fiction to the micro-universe of information and public opinion, now that science-fiction enters the media ambience with the status of updated forms of life

Keywords

Human-machine relationship. Mediatization. Mediatic cultural products. Forms of life.

Recebido em 22/08/2016

Aceito em 16/09/2016

Copyright (c) 2016 Kati Caetano, Sandra Fischer. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

